

AS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS NO BINÔMIO HOMEM – TERRA EM VIDAS SECAS, DE GRACILIANO RAMOS

Bruna Valério dos Santos¹

Sandra Maria Pereira do Sacramento²

RESUMO

Trataremos, neste trabalho, das relações existentes no binômio homem-terra, na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, perspectivadas em sua dinâmica social: retirantes da seca nordestina, onde seus filhos, esposas e animais de estimação permanecem mudos como o ambiente que o circundam. A visão do sertão nos é dada através de Fabiano e sua família, automatizados pela ignorância e sofrimento hereditário, vivendo para dentro de si mesmas.

Palavras-chave: terra, homem, retirantes

1- O Brasil fragmentado em Capitânicas Hereditárias

Após vários Tratados firmados com os franceses visando impedir o assédio dos traficantes de pau-brasil ao litoral brasileiro, o rei e seus conselheiros perceberam que só lhes restava uma solução: colonizar o Brasil. Com isto, iniciou-se o período das Capitânicas Hereditárias. O Brasil foi dividido em doze vastas áreas chamadas de Donatárias ou Capitânicas Hereditárias que se prolongavam até a linha estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, e que acabaram nas mãos dos membros da pequena nobreza advindas da Ásia com requisitos de “poder cultivar” a terra que, trocando em miúdos, significava ter condições de adquirir mão de obra escrava.

Do rei, os donatários não recebiam mais do que a própria terra e os poderes para colonizá-la. A tarefa se revelaria pesada e apenas duas das doze capitânicas acabaram

¹ Discente do Curso de Letras do DLA/UESC. E-mail: milavig@yahoo.com.br

² Pesquisadora CNPq. Profa. Titular na Universidade Estadual de Santa Cruz/ Mestrado em Cultura & Turismo. Ilhéus – Bahia. E-mail: sandramsacramento@hotmail.com



prosperando, como a de Pernambuco e a de São Vicente. Em especial, na de Pernambuco, havia grande quantidade de pau-brasil, cuja exploração garantia retorno rápido do capital e solo muito mais favorável ao cultivo na cana-de-açúcar do que as outras.

“A dádiva principal que a Coroa fazia era a da terra, e havia terra de sobra. A Carta de Doação concedia ao donatário não a propriedade da Capitania inteira, mas a propriedade de uma parte dela; o restante ele poderia conceder sem sesmarias, segundo direitos que lhe eram conferidos: recebia a sua parte e transferia o restante como propriedade plana ou alodial, sem qualquer restrição... Era hereditário, como poder, - daí serem hereditárias as Capitânicas, - tudo o que o donatário detinha como agente da Coroa, como seu mandatário, inclusive o direito de conceder sesmarias. Os herdeiros as distribuíam nas mesmas condições de propriedade plena”. (SODRÉ, 1990, p.68)

O crescimento dessas capitânicas foi fruto quase exclusivo da ação de homens que se viram abandonados no longínquo Brasil. A mão de obra escrava só podia ser adquirida através da compra, não era barata e valia muito mais do que a própria terra, já que esta era doada. Assim, tornou-se a medida de prestígio entre os donatários: não importava o tamanho das suas terras e sim a quantidade de escravos que possuía.

O fracasso do projeto como um todo não impediu que o legado das Capitânicas Hereditárias fosse duradouro, pois a partir daí vários acontecimentos foram incorporados à história do Brasil: a estrutura fundiária do país, a expansão da lavoura canavieira, a estrutura social, o tráfico de escravos e o massacre dos índios.

As Capitânicas Hereditárias constituíram uma tentativa de Portugal lançar as bases de um modelo colonial, que seria sustentado na lavoura canavieira, tendo como prioridade dos seus donatários o enriquecimento mais rápido e o possível retorno a Portugal.

Com a chegada dos Donatários, começaram a vir em grande escala os degredados que foram os responsáveis pela miscigenação dos portugueses com os nativos e por sua adaptação ao novo meio, no qual se viram instalados. A partir daí exploraram os recursos



naturais da terra, adotaram os costumes e a alimentação dos nativos, e mais do que isso, aprenderam o que podiam sobre a realidade física do Brasil.

2- As disputas de poder continuam: A Revolução de 30 e o Tenentismo

A década de 20 do século passado foi marcada por agudas tensões políticas e sociais. Descontente com o aumento do custo de vida, o povo reclamava voto direto e secreto; as eleições controladas pelo Poder Judiciário. Paralelamente, no âmbito militar, os jovens oficiais formavam um movimento que predominou a partir de 1922 – o Tenentismo –, representando, dentro do Exército, uma cisão entre oficiais mais graduados, que pretendiam mudanças políticas e sociais.

Junto a esse movimento, a Revolução de 30 foi um dos principais acontecimentos políticos da República Velha, pois alterou a composição de forças vigentes no cenário político brasileiro, rompendo o monopólio exercido até então pela política café-com-leite, na qual as oligarquias de Minas Gerais e São Paulo promoviam um revezamento no poder federal.

“... esta Revolução foi um movimento que partiu da periferia para o centro, aquela composta de forças políticas, que, até aquele momento, não haviam tido a oportunidade de se organizarem: “o tenentismo”. Apoiadas pela classe média urbana, atribuíam a crise a que a população chegou aos políticos que se encontravam no poder.. Não conseguiam ter uma visão clara de que a união da burguesia agrária com o imperialismo econômico, representado, no momento, pelos Estados Unidos, era que mantinha a política de penúria.”. (SACRAMENTO, 2001, p.36)

A Aliança Liberal, formada para disputar as eleições, era composta, em sua maioria, por mineiros e apoiou o movimento que conduziu Vargas ao poder. Apesar de sua composição heterogênea, os aliancistas uniam-se em torno da necessidade de desarticular a estrutura vigente, obviamente por motivos diferentes.



“A sucessão presidencial, assim, seria o estopim que permitiria polarizar as inquietações reinantes, compondo os ímpetos de rebeldia da oficialidade jovem com as insatisfações de formas de produção prejudicadas pelas normas vigentes. As duas correntes, a do tenentismo e a cisão tradicionais no quadro políticos, acomodam-se assim, num amplo estuário, o da revolução de 1930”. (SODRE, 1990, p. 320)

3- A Segunda fase Modernista ou Regionalismo de 30

Os abalos sofridos pelo povo brasileiro em torno dos acontecimentos, a crise econômica provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a crise cafeeira, a Revolução de 1930 e o acelerado declínio do Nordeste condicionaram um novo estilo ficcional, notadamente mais adulto, mais amadurecido, mais moderno. Esse estilo é marcado pela rudeza, por uma linguagem mais brasileira, por um enfoque direto dos fatos, por uma retomada do naturalismo, principalmente no plano da narrativa documental.

“No Modernismo, não é ousadia afirmar, houve um salto qualitativo, em termos de produção cultural autenticamente brasileira... A literatura dos anos 30 incorporou, ao processo artístico, aquilo que não era unidade e pureza, por não desprezar o dado socioeconômico como fator condicionante à apreensão da realidade.” (SACRAMENTO, 2001,p.34)

O chamado romance nordestino pregava a liberdade temática e rigor estilístico e se caracterizava, por sua vez, através de temas como: a hostilização do homem pelo ambiente socioeconômico, sendo expulso da terra, da cidade, em síntese, devorado por problemas a ordem da sobrevivência.

A preocupação com a revalorização do Nordeste deve-se em parte ao deslocamento do eixo econômico e cultural para o Sul, quando a indústria açucareira começa a decair. Por outro lado, o capitalismo impessoal de empresários sem vínculos com a região contribuía



para a descaracterização cultural do Nordeste, cuja economia tinha bases patriarcais e paternalistas.

“A cultura fundamental deve ser um prolongamento e uma reflexão do cotidiano. É na experiência com a terra, com o instrumento mecânico, com a máquina, com o seu grupo de trabalho, com a própria família, que o homem se inicia nesse conhecimento do real e do drama da vida em sociedade, às vezes, precocemente”. (BOSI, 1992, p.341)

Ainda que os regionalistas tenham assimilado as conquistas modernistas, como a aproximação da linguagem literária à linguagem falada e o uso de neologismos, por exemplo, o movimento regionalista de 30 mostrou-se conservador, voltado, por assim dizer, para o passado. Mas o regionalismo de 30 soube revelar os problemas sociais do Nordeste: o drama das secas e das retiradas, a submissão do homem ao latifundiário, a ignorância e as mazelas políticas da região. De maneira geral, seus romances caracterizam-se pelo inter-relacionamento entre as condições sociais e a psicologia das personagens; ao que se soma uma linguagem precisa, “enxuta” e despojada, de períodos curtos, mas de grande força expressiva.

É nesse contexto que encontramos Graciliano Ramos e seu mais poético e mais humano romance, Vidas Secas, com o qual objetiva a análise da realidade histórica, onde transitam seus personagens, que sobrevivem em paisagem inóspita, plena de desajustes sociais.

“É o romance da seca. O clima predominantemente pois é o da seca e suas conseqüências mais próximas: sol, calor, sequeidão, cansaço, fome, solidão e morte. O livro trata dos problemas do flagelo da seca e do coronelismo latifundiário decadente... Por todo o romance escorre o sofrimento do homem face a um ambiente hostil que nega o mínimo para a sobrevivência.” (CERQUEIRA, 2003,p.61)



Neste sentido, o meio influencia o modo de ser, de pensar e de sentir daqueles seus. Pode-se notar isso quando, na ocasião da morte do papagaio para alimentar a família,, Sinhá Vitória reflete sobre a inutilidade do animal pela sua mudeza, que caracterizava também a família.

“Sinhá Vitória... vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesmas que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco.” (RAMOS, 1996, p.11).

O Romance é composto de 13 capítulos, que encerram em si próprios significados únicos. Os capítulos que levam o nome da família “Fabiano”, “Sinhá Vitória”, “O menino mais novo” e “O menino mais velho” e têm como elo dois aspectos: a miséria do mundo físico e intelectual dos retirantes e a carência de linguagem. A linguagem enxuta serve para caracterizar a ambientação seca e miserável do Nordeste e para apresentar um universo estreito e de ambições pequenas para o pensamento dos retirantes.

“Como não sabia falar direito, o menino balbuciava expressões complicadas, repetia as sílabas, imitava o berro dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na catinga, roçando-se”.(idem, p. 59).

A relação dos membros da família entre si e com o grupo é feita mais pela comunicação gestual e onomatopéica que pela palavra. A redução do humano à condição de bicho é uma decorrência da luta pela sobrevivência e do constante desafio de enfrentar o ambiente em que vivem.



“Não era propriamente conversa, eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito... como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto”.
(RAMOS, 1996, p.64).

A passagem calada pela paisagem desértica pode ser indício da reserva das forças dos retirantes diante da seca, ou um sinal de esgotamento físico e de sua resignação mental diante da fatalidade da vida.

Sinhá Vitória tinha como infinito ter uma cama de couro, almejando a estabilidade, uma felicidade perseguida, mas não fácil de atingir. A união do casal era baseada na transitoriedade da vida, não havia raízes criadas, a qualquer hora, poderiam partir em retirada, então seus sonhos, por menores que fossem, é que mantinham a chama da vida acesa.

“(...) era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de Seu Tomás da Bolandeira. Seu Tomás tinha uma cama de verdade, feita pelo carpinteiro, um estrado de sucupira alisado a enxó, com as juntas abertas de formão, tudo embutido direito, e um couro cru em cima, bem esticado e bem pregado... Inútil consultar Fabiano... esfriava logo, e ela franzia a testa, espantada, certa de que o marido se satisfazia com a idéia de possuir uma cama”.(RAMOS, 1996, p. 45-46).

As personagens ficam frágeis diante de cenários não familiares. Na festa de Natal, no povoado, Fabiano, amparado pela bebida, sente-se incomodado com a simples presença das pessoas, de ter que vestir uma roupa de “festa”, interioriza uma inferioridade a tudo que o rodeia, por estar fora do seu habitat. Alfredo Bosi (1996) comenta que “o migrante que



chega à cidade ou à terra alheia é um homem mutilado, um ser reduzido ao osso da privação” (BOSI, 1996, p. 51). Na obra, pode-se observar isso no fragmento:

“Fabiano estava silencioso, olhando as imagens e as velas acesas, constrangido na roupa nova, o pescoço esticado, pisando em brasa. A multidão apertava-o mais do que a roupa, embaraçava-º De perneiras, gibão e guarda-peito, andava metido numa caixa, como tatu, mas saltava no lombo de um bicho e voava na catanga.... olhou as caras ao redor.Evidentemente as criaturas que estavam ali não o viam, mas Fabiano sentia-se rodeado de inimigos.... e o colarinho furava-lhe o pescoço, as botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir a novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito.” (RAMOS,1996, p.75)

O meio físico, a paisagem, serve de apoio para Graciliano apresentar os personagens unindo o ser humano ao local por ele habitado. Mais uma vez, a família tem que partir em retirada por caminhos desconhecidos, à procura de proteção.

“Não sentia a espingarda, o saco, as pedras miúdas que lhe entravam nas alpergatas, o cheiro de carniças que emprestavam o caminho. As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nesta terra, porque não sabia como ela era nem onde era...E andavam para o sul, metidos naquele sonho.Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias... Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente pra lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, com Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos.” (RAMOS, 1996, p.126)



O início do romance torna-se ciclicamente o seu final: Mudança e Fuga. As arribações anunciam que é hora de uma nova retirada, em busca de melhores condições de vida, numa fuga do desamparo e da miséria, para uma terra onde fossem depositadas suas esperanças.

4- Conclusão

Em qualquer cenário, esses retirantes estarão estabelecendo uma relação de vassalagem e de exploração com a fazenda ou com a cidade grande. Como não tiveram oportunidade de estudo, o que têm pra oferecer é a mão de obra pesada e barata, que a cada dia a mais está sendo substituída pela modernização e industrialização do mercado de trabalho.

Apesar de ser um fenômeno climático e cíclico, a seca encerra uma condição de existência do homem nordestino. No período da estiagem, há a migração interna e muitos abandonam o pouco que têm à procura de uma melhor qualidade de vida. Diante da impossibilidade de sobrevivência, a terra é também vendida a preço irrisório, alimentando, assim, o oferecimento de mão de obra barata tanto no interior, quanto nos grandes centros.

A seca gera a miséria e a morte e a desolação. Assim, não sobram alternativas para os retirantes senão sair à procura de novas terras, em migrações contínuas.

Esse livro retrata fielmente a realidade brasileira não só da época em que foi escrito, mas a dos dias atuais; na medida em que questões como: injustiça social, miséria, fome, desigualdade, seca... ainda não foram sanadas em nosso país.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CERQUEIRA, Dorine. *O espelho de Maria Dusá e outros ensaios (o textual e o intertextual)*. Ilhéus: Editus, 2003)

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1996.

SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira do. *O perfil feminino na obra de José Lins do Rego: opressão e discernimento*. São Paulo: Cone Azul, 2001.



I ENECULT

SODRE, Nelson Werneck. *Formação histórica do Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

